

Metáforas do sal na oratória sacra do seiscentismo português

João Francisco Marques



I Seminário Internacional sobre o sal português
Instituto de História Moderna da Universidade do Porto, 2005, p. 349-363

Metáforas do sal na oratória sacra do seiscentismo português

João Francisco Marques*

Resumo

A comparação evangélica de que Cristo se serve para traçar o perfil dos seus discípulos como sal da terra envolve a natureza da doutrina a transmitir e do exemplo a dar, respectivamente alimento da vida espiritual e antídoto à corrupção moral. Tomada por tema dos sermões, dedicados sobretudo aos panegíricos dos confessores e doutores da Igreja, essa passagem bíblica proporciona aos pregadores seiscentistas interessantes e sugestivas explicações e alegorias caracterizadoras do estilo e mentalidade barrocos.

The evangelical comparison that Christ uses the salt of the earth to dash the profile of His followers represents the nature of the doctrine to convey and the example to give, respectively food of spiritual life and antidote to moral corruption. That was the subject of many sermons, mainly dedicated to confessor's panegyrics and to the doctors of the Church. That comparison gives 16th century preachers interesting and suggestive explanations and allegories, representative of baroque style and mentality.

Do mar vem o sal, da água salgada que o calor do sol cristaliza. O seu uso perde-se no fundo dos tempos. Em sua experiência, sempre em crescimento, a humanidade foi-lhe aproveitando as propriedades: preservar e conservar o que pode ser pasto de corrupção, dar gosto ao que é insípido. A sua força, porém, não permanece invencível, pois, se ele próprio se corrompe, como será capaz de salgar?

Nos versos de Pessoa o sal percorre alegoricamente esse mar salgado, já que parte do seu sal "são lágrimas de Portugal!", como o poeta acentua:

Porte cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar.¹

* Professor Catedrático Jubilado. Presidente do IHM-UP/FLUP. Temas de investigação: história religiosa (sécs. XVI-XIX), história literária (sécs. XVIII-XX), história local (espaços marítimos- Póvoa de Varzim). Algumas publicações: *A Parenética Portuguesa e a dominação filipina*; *A Parenética Portuguesa e a Restauração*; *O Clero nortenho e as Invasões Francesas*; *A Arquidiocese de Braga e a Evangelização do Além-Mar*.
1 Fernando PESSOA, *Mensagem*, II parte, «O mar português» - 7.

Por algum convívio que Fernando Pessoa tinha, nos inícios do século último, com o poeta António Correia de Oliveira, de quem confessa haver recebido influências, é natural que bem conhecesse os primeiros livrinhos do autor do *Auto do fim do dia*, impresso em 1900, e *Cantigas*, aparecido dois anos após.² O vate de Belinho, génio da quadra de inspiração popular, que cultivava com mestria consumada, mereceu da sábia lusófona Carolina Michaëlis serem consideradas «pequenos evangelhos»³ as mais de uma centena de quadras que constituem o seu *Dizeres do Povo*, saído em 1911, aliás glosas de adágios portugueses. Não surpreende, pois, que o primeiro dístico das estrofes supracitadas de «Mar Português», poema da *Mensagem*, fosse reflexo do toque deixado em sua sensibilidade por essoutra quadra de *Cantigas*:

*Ó ondas do mar salgado,
D'onde vos vem tanto sal?
Vem das lágrimas choradas
Nas praias de Portugal⁴.*

Se bem que o tronco comum deste tema seja, por certo, o das estâncias 89-93 do IV canto de *Os Lusíadas*, as *Décadas da Ásia* de João de Barros, a *História do Descobrimento e Conquista da Índia* de Fernão Lopes de Castanheda e a *História Trágico-Marítima* acusam a mesma traça literária. À metáfora do sal, porém, recorre Camões (X, 119) para em erasmiana censura verberar os eclesiásticos que antepunham os interesses temporais à missão pastoral de fazer cristandade:

*E vós outros que os nomes usurpais
Demandados de Deus, como Tomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a pregar a santa fé?
Olhai que, se sois Sal, e vos danais
Na pátria, onde Profeta ninguém é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas Heresias?*

Só que nas lágrimas de todos os homens, e não importa quais, nunca falta o sal, quimicamente puro, como recorda António Gedeão em seu belo poema:

*Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.*

.....

2 J.M. da Cruz PONTES, «Dizeres do Povo de Corrêa d'Oliveira e uma carta inédita de Fernando Pessoa», in *Prelo*, nº5, Outubro/Dezembro 1984, p.9.

3 *Ibidem*, p.10.

4 *Ibidem*, p.8.

Ensaiei a frio,
 experimentei ao lume,
 de todas as vezes
 deu-me o que é costume:
 nem sinais de negro, nem vestígios de ódio.
 Água (quase tudo)
 e cloreto de sódio.⁵

Nos contos tradicionais portugueses, coligidos por Leite de Vasconcelos e outros, o sal é pedra de toque do amor filial. Reza a lenda que, perguntando o rei às três filhas qual delas lhe queria mais, responde a mais nova «que lhe queria tanto como ao sabor do sabon». Desagrado com a resposta, mandou o pai conduzi-la a uma torre alta e que lhe trouxessem a língua da menina. Salva pelo criado que a levava, ficou o rei convencido da sua morte. Vindo, depois, a ser convidado para o casamento desta filha, foi à festa no desconhecimento de quem se tratava. Ao reconhecer, porém, que não era boa a comida do prato que lhe davam, («porque não tinha sabor, não tinha sal»), recordou-se de que mandara matar a filha que dissera querer-lhe («tanto como ao sabor do sabon»). Concluiu, então, «que aquela filha lhe queria mais que nenhuma». E, dando-se ela a conhecer, foi grande a festa que fizeram.⁶

Princípio de saúde, de fecundidade e símbolo de sabedoria, a imaginação popular aumentou-lhe o potencial metafórico, a partir da sugestiva riqueza que a realidade proporciona. O *Mar do Sal*, conhecido por Mar Morto, aparece assim denominado nos primeiros livros bíblicos que o estendem até ao vale do sal, região desértica e inóspita, por efeito do castigo divino que seus habitantes sofreram.⁷ A pré-histórica e famigerada *Via Salária*, que partia da porta Colina e atravessava o Lácio em direção a Truentum (Porto d' Ascoli), era o caminho por onde os sabinos faziam chegar a Roma o sal que tiravam do Mar Adriático.⁸

Nas culturas semíticas, o sal ocupa função de relevo. Os árabes conferem-lhe carácter sagrado e os assírios têm-no como sinal de oferenda. Simbolizando acolhimento e hospitalidade, desempenhou papel importante nas trocas, nos negócios e nos rituais de esconjuro dos espíritos maléficos. Entre os Tuaregues, nómadas do Sara, há o costume de levar os rebanhos às marinhas de sal, para que os animais possam abastecer o organismo com reservas dos sais minerais de que habitualmente necessitam.⁹

Na história bíblica, o sal é instrumento de punição aplicada a cidades vencidas, aos desobedientes às ordens de Deus, como a mulher de Lot, e aos pertinazes em sua impiedade.¹⁰ Refere a Sagrada Escritura que o sal é tão indispensável à vida do homem que “comer do sal do palácio” corresponde a receber do rei o seu salário; e «manter o sal da aliança» implica

5 António GEDEÃO «Lágrimas de preta» de “Máquina de Fogo” [1961], in *Poesia Completa*, Lisboa, Edições João Sá da Costa, 1997, 2ª ed., p.83.

6 *Contos Populares Portugueses (Inéditos)*, Estudo, coordenação e classificação por Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho, II, Lisboa, Centro de Estudos Etnográficos – Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986, nº733, p. 647-648.

7 *Vocabulaire de Théologie Biblique*, dir. Xavier Léon Dufour, Paris, Les Éditions du Cerf, 1977, 4ª ed., col.1208.

8 Michel MOURE, *Dictionnaire Encyclopedique d'Histoire*, S-Z, Paris, Bordas, 1996, nouvelle édition, p. 4966-4967.

9 Malek CHEBEL, *Dictionnaire des symboles*. Rites, mystique et civilisation, Paris, Albin Michel, 1995, p.383.

10 Gn. 19-26.

não a deixar romper, pois, de contrário, não poderá ser reatada.¹¹ As vossas palavras, escreveu S. Paulo, devem ser temperadas de sal, para que cada um saiba responder da maneira mais apropriada.¹² Nos rituais judaicos, as vítimas oferecidas em sacrifício deviam ser salgadas, a fim de se dar sabor aos «alimentos de Deus».¹³ Como o incenso, também o sal tinha uma função purificadora, recorda Cristo ao advertir que todos somos salgados pelo fogo.¹⁴ Na lei moisaica, o sal entrava em grande número de oblações e sacrifícios como princípio de incorruptibilidade, havendo o costume de esfregar com sal o recém-nascido, gesto que soa mais a exorcismo do que a preocupação higiénica.¹⁵

Na liturgia cristã, até ao Concílio do Vaticano II, no sacramento do baptismo o ministro sagrado colocava uma areia de sal na língua do neófito como sinal de alimento celeste e símbolo desabedoria.¹⁶ Sendo a água um elemento purificador, empregam-na as religiões para significar a limpeza das manchas legais e morais. A igreja católica conhece três espécies de água que benze e usa em sua liturgia: a ordinária que se encontra à entrada dos templos, a baptismal que emprega no sacramento do baptismo e a gregoriana a que recorre na consagração dos templos e altares, diferindo entre si pelos elementos que a compõem. Em todas, porém, entra o sal que é exorcizado e benzido para lhe assinalar a sua dupla e primordial função: purificar e preservar a alma, tanto das máculas do pecado como das seduções diabólicas. A água gregoriana, benzida pelo bispo, além da cinza que se lhe mistura para significar sentimentos de humildade, arrependimento e penitência, e do vinho, símbolo da abundância espiritual, força, vida e alegria, recebe também o sal que, misturado com a cinza, se deixa cair na água três vezes, cada uma em forma de cruz. Ao aplicá-la na consagração das igrejas e altares tomam-se purificados e salubres.¹⁷ Contém ainda o Ritual Romano, entre suas muitas e variadíssimas bênçãos, duas com propriedades terapêuticas que fazem do sal uma medicina para os animais e um remédio para curar a raiva.¹⁸ Nas pregações repetidas nas páginas dos evangelhos, Cristo recomendava que se fizesse uso do sal nas relações sociais, como símbolo de concórdia e de paz.¹⁹ E ordenava aos apóstolos que fossem sal do mundo, para que as suas palavras, longe de insípidas, arrastassem os ouvintes no amor ao bem e à prática das virtudes.²⁰ Assinale-se, por fim, que veio a ser paradigmática para os pregadores a passagem de S. Mateus, 5, 13: *vos estis sal terrae*, tomada quase exclusivamente nas festas dos doutores da igreja, celebrados na liturgia, cuja interpretação é procurar que sua vida e doutrina sejam panegíricos capazes de transformar e conservar o mundo dos homens na fidelidade à vontade divina.

Frequente se tornou, por isso, o emprego desta perícopa evangélica nos sermões do período barroco da oratória portuguesa. Para ilustração, o leque oferecido poderia ser, sem dúvida, abundante. Na circunstância, limitemo-nos a dois oradores seiscentistas de não idêntica valia, mas igualmente de reconhecida fama: o dominicano Fr. António Feo (1576-1617) e o jesuíta P. António Vieira (1608-1697).

Em *Trattados das Festas das Vidas dos Santos* apresenta Fr. António Feo bem nutridos textos parenéticos destinados a servirem de fontes e guias na preparação de sermões e

11 *Vocabulaire de Théologie Biblique*, col.1209.

12 *Col.* 4,6.

13 *Vocabulaire de Théologie Biblique*, col.1209.

14 *Mc.* 9, 49.

15 *Vocabulaire Théologie Biblique*, col.1209.

16 António COELHO, *Curso de Liturgia Romana*, I, Negrelas, Mosteiro de Singeverga, 1941, p.73.

17 Robert LESAGE, *Vestes e Objectos Litúrgicos*, trad. port., S. Paulo, Livraria Editora Flamboyant, 1959, p.59.

18 A. COELHO, *op.cit.*, p.73.

19 *Mc.* 9,50.

20 *Lc.* 14, 35.

prédicas dos eclesiásticos que se entregavam ao ministério do púlpito. O autor, frade dominicano e tido como um dos melhores pregadores portugueses, comparável a Diogo de Paiva de Andrade e António Vieira, nasceu em Lisboa em 1576 e faleceu no Mosteiro de Batalha em 1627, no ano em que era o prior.²¹ O título mencionado que abrange dois volumosos tomos impressos em 1612 e 1615 adequa-se perfeitamente aos desenvolvimentos das matérias explanadas que tomam, de ordinário, uma dupla feição: a ascético-moral e a hagiográfica. Os conceitos predicáveis de recorte bíblico e patrístico são de utilização abundante nas estruturas argumentativas planificadas, aliás recurso comum de que lançavam mão os pregadores de seiscentos.

A segunda parte desta obra, publicada em 1615, consagra quatro desses tratados parenéticos, divididos cada um em outros tantos discursos, ao tema do versículo de S. Mateus, *vos estis sal terrae*, do evangelho da missa dos santos doutores, a saber: os dedicados a Santo Agostinho²², S. Domingos²³, S. Tomás de Aquino²⁴ e S. Raimundo de Penaforte²⁵, os três últimos religiosos da sua ordem. A metáfora do sal é, em todos, assinalada no exórdio e dela se tira maior ou menor sumo nos desenvolvimentos elaborados.

No da festa de Santo Agostinho, principia o autor por recordar que Cristo compara os Apóstolos e seus sucessores «a quatro cousas cada uma das quais mui necessária ao uso da vida humana, como: são sal, luz, cidade edificada no alto, vela acesa, e posta no castiçal».²⁶ Assim, diz «que os fazia sal, para que preservassem os homens da podridão, e corrupção dos vícios, e os conservassem no são das virtudes, luz e vela acesa, para os alumiaem no caminho do Céu, cidade posta no alto, para que fossem um empório de todo o trato e comércio espiritual».²⁷ No que respeita a Santo Agostinho, «sal evangélico», acentua que «depois dos Apóstolos foi o melhor sal para a reformação dos costumes que a Igreja teve», cuja doutrina católica exposta em seus livros salga de tal forma as vontades e as consciências «que quem os ler não será nunca herege», sublinhando que a sua «vida foi uma roda-viva em matéria de salgan».²⁸ De resto, se sal, luz, vela acesa só aproveita se acompanhadas do alto da cidade, «porque o sal perfeito, e tirado das águas do mar em montes altos se ordena, o sal no alto do quarto Céu alumia, e por acesa que esteja a vela, se se esconder no baixo do castiçal, ficará toda a casa em trevas».²⁹

O primeiro discurso do «Tratado da Festa de S. Domingos», em que toma o versículo evangélico da metáfora do sal, é aproveitado por Fr. António Feo para anunciar com clareza o sentido de sua escolha. O título dado por Cristo aos Apóstolos e pregadores cabe-lhes para exercerem o ofício de sal, mas «sal alheio da terra»;³⁰ sal feito saúde, porém saúde recebida do Divino Mestre, de forma a sentirem-se conscientes de que a honra de serem sal não é receberem matéria de mando, antes de ministério que os torna «obreiros da salvação, lavradores de almas, edificadores dos costumes».³¹ A coloração alegórica serve-se de instrumen-

21 Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, Coimbra, Livraria Atlântida, 1965, p.267.

22 António FEO, *Trattados das Festas e Vidas dos Santos*, Segunda Parte, Lisboa, Jorge Rodriguez, 1615, f. 154-162.

23 *Ibidem*, f. 197v – 205v.

24 *Ibidem*, f. 222-232.

25 *Ibidem*, f. 243-251.

26 «Tratado da Festa do Glorioso Doutor Santo Agostinho», *op.cit.*, f.154. Atualizamos a ortografia em todas as citações dos sermões deste pregador.

27 *Ibidem*.

28 *Ibidem*, f.156 e 157.

29 *Ibidem*, f.158.

30 António FEO, «Trattado da Festa do Patriarcha Sam Domingos», *op.cit.*, f.197.

31 *Ibidem*, f. 198.

tos da vida agrícola, a fim de o pregador melhor entender o ofício que lhe é confiado: «enxada de lavrador, sacho de ortelão, para cultivar almas, picão de pedreiro, para destruir vícios, regra e plumo para edificar virtudes».³² Sal da terra, que não seu mas alheio, aceitando «a obrigação de luz, os encargos, e custos do sal»³³.

Ao escolher a mesma perícopes evangélica para a matéria a desenvolver no «Trattado de S. Tomás de Aquino», adverte o autor que importa compreender que Cristo não fez dos Apóstolos logo bom sal.³⁴ De igual forma os pregadores também não o serão sem primeiro se aperfeiçoarem, para que, quando houvessem de ser sal, «(espiritual, e divino)», fosse «(para salgarem pecados, e abraçarem culpas)».³⁵ Devagar se adquire, recorda Fr. António Feo, a «suficiência e as partes» que para semelhantes cargos há mister.³⁶ E só se chega a ser esse sal espiritual e divino «(da maneira que os homens fazem o sal material, e terrestre)», ou seja: o sal se faz devagar «(e das águas do mar, e estas apartadas dele, e trazidas para a terra, e expostas ao calor do sol, que as está condensando, e endurecendo té as fazer sal)».³⁷ O símile continua, ainda, a ser explorado em suas virtualidades metafóricas, embora repisando as fases por que Cristo conduziu a preparação dos Apóstolos para fazer deles sal evangélico. Para isso os apartou do mundo e mundo e mandou segui-lo, a fim que de si aprendessem a salgar, até poder mandá-los pelo mundo a exercitar o ofício do sal.³⁸ Insiste na ideia o autor dominicano em enfática interrogação: «Ontem pescadores e idiotas, hoje luz e sal, ontem haviam mister alumiados, e salgados e alguns ensalmoados, como S. Mateus, quando onzeneiro, e que estes hoje alumiem e salguem, que dirá o mundo?» E se é certo que para o sal «chegar à sua perfeição sobejam quatro meses», Cristo gastou três anos e entrou pelo quarto para fazer dos Apóstolos sal espiritual, deixando até mais tempo para serem aperfeiçoados pelo Espírito Santo, a fim de lhes consumir em fogo e amor as imperfeições que tivessem.³⁹

A impreparação que via nos escolhidos para cargos públicos e, em especial, na igreja merece a Fr. António Feo contundente crítica, a ponto de afirmar que vê «levantados e entronizados não os mais santos a poder de virtudes, mas os mais poderosos, por meio de muitas e variadas invenções».⁴⁰ Corrupção na escolha e negligência lamentável na preparação de homens, para o exercício dos cargos que lhes confiavam, era o que sucedia.⁴¹ Pobre igreja, lamenta, para a qual só «se buscam, e acham os homens de pressa, coitadas das almas, para a cura das quais sem consideração se escolhem os médicos. [...] sem haver quem gaste tempo em trabalhar neles, té os fazer capazes do ofício de sal, [...] antes os preferidos, quanto à suficiência das partes, são escolhidos de ontem, quando inda bem não tinham saído das profanidades da vida [...]. Inda não ham nascidos para o mundo, quando já gigantes e crescidos para a dignidade».⁴² Conclui, carregando mais a negridão do quadro: a luta intestina pelos cargos, com cumplicidades criminosas, «acontece de ordinário na substituição dos homens para os ofícios da Igreja e governo dela, dantes dragões, hoje nas partes gigantes, e logo armados das virtudes, que não têm, e cuja falta se lhes dissimula e passa por alto, mandando-os fazer ofícios de sábios e eruditos sem o serem, nem trazerem consi-

32 *Ibidem*.

33 *Ibidem*, f.198.

34 António FEO, "Trattado da Festa do Angélico Doutor Santo Thomas de Aquino", in *op.cit.*, f.222.

35 *Ibidem*, f.223.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*, f.223-223.

38 *Ibidem*, f.223.

39 *Ibidem*.

40 *Ibidem*, f.225.

41 *Ibidem*, f.225.

42 *Ibidem*.

go para a proeminência do sacerdócio, e preliaza mais que muita negociação, senão que alguns há que a uns fazem muito devagar, e a outros muito depressa a uns voando, a outros manquejando, e de tal maneira trocam as mãos que fazem depressa aos que houveram de ser feitos depressa, e assim uns levam tudo, outros nada, e uns ficam sendo filhos, outros enteados).⁴³ O contrário do que Cristo fez com os Apóstolos que os preparou devagar para «serem estimados, e ficarem honrados e acreditados os ofícios de sal».⁴⁴

O último dos quatro discursos parenéticos de Fr. António Feo, em que tece um panegírico santoral a partir do versículo *vos estis sal terrae*, é consagrado a S. Raimundo de Penaforte e arranca da certeza de que nunca faltarão à igreja de Cristo continuadores do espírito de reconciliação entre Deus misericordioso e a humanidade pecadora.⁴⁵ A ideia-chave centra-se na metáfora do evangelho, sendo o sal verdadeiro símbolo de reconciliação e amizade. Lembra, a propósito, o dominicano que Jesus elogia no Evangelho de Marcos o sal que pretende ser a paz que seus discípulos deviam entre si manter, pois não podiam instaurá-la entre os homens e Deus («senão a tivessem entre si»).⁴⁶ E acrescenta que, conforme se lê no Antigo Testamento, no livro dos Números, a oferta feita a Deus não seria recebida se não existisse de permeio «este sal de concerto, e de pacto» assim chamado.⁴⁷ O ofício de reconciliadores, cometido aos Apóstolos, implica levar os homens a temperarem os costumes com a aspereza da doutrina evangélica. Isso é o mesmo que transformarem-se em ofertas dignas de merecer serem apresentadas na presença do Senhor, uma vez que a humanidade tem de ser salgada «com o sal do rigor, que faz arrancar os olhos, e catarpés».⁴⁸ Importa, por isso, evitar «as ocasiões de pecados para que fiquemos saborosos a Deus»; de contrário, não escaparemos ao fogo do inferno, tal como o sal que, «desfazendo-se a si, conserva, e preserva as cousas em que se lança».⁴⁹ Esta missão é perpetuada na igreja de Cristo pelo ministério exercido no mundo pelos religiosos da ordem dominicana, de que S. Raimundo fora notável e apostólico membro.

Esgotara, deste modo, Fr. António Feo, no preâmbulo dos discursos mencionados, as similitudes do sal com o trabalho apostólico de reconciliação com Deus e de restituição da paz às consciências que da interpretação da letra da metáfora se podia extrair.

* * *

Nos sermões impressos de Vieira, entre os nove dedicados a Santo António apenas se encontram três cujo tema é o referido versículo do evangelista S. Mateus: *vos estis sal terrae*. O primeiro foi pregado em Lisboa, cidade onde nascera, no ano em que, após a Restauração, o pregador, vindo da Baía, voltara a pisar o solo pátrio.⁵⁰ Os dois restantes proferiu-os na cidade de S. Luís do Maranhão em 1653 e 1654, o último numa altura para si particularmente adversa.

Vivia a nação portuguesa, no verão de 1642, horas bem difíceis e incertas. Era necessário assegurar a autonomia política reavida, resistindo à ofensiva de reconquista castelhana. Rearmar o país implicava, porém, custos avultados que só no lançamento de impostos encontraria imediata cobertura. Convidado a pregar na festa de Santo António, celebrada na

43 *Ibidem*.

44 *Ibidem*.

45 António FEO, «Trattado da Festa do Glorioso Sam Raimundo da Ordem dos Pregadores», in *op.cit.*, f.244.

46 *Ibidem*, f.244.

47 *Ibidem*.

48 *Ibidem*, f.245.

49 *Ibidem*, f.245.

50 Lúcio de AZEVEDO, *Historia de Antonio Vieira*, I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918, p.55.

igreja das Chagas, a 14 de Setembro, véspera da abertura de cortes convocadas para se votar a derrama sobre os corpos da nação,⁵¹ Vieira lembra, no exórdio, que o Santo, verdadeira Arca do Testamento, o melhor filho de Lisboa, "fiel como português, estadista como italiano", e o querubim mais eminente da ordem franciscana, bem merece ser chamado sal da terra por sua grande sabedoria e pela inteira propriedade com que se compara ao «sal que é remédio da corrupção, mas remédio preservativo», pois, se não remedeia o que se perdeu, «conserva o que se puder perder».⁵² Ora, é precisamente aquilo de que, no momento, a nação tem necessidade o que o pregador enumera ao desbobinar o filão da metáfora, explorando a rica simbologia do sal: «Nestas quatro palavras breves, nestas seis sílabas compendiosas, *Vos-es-tis-sal-te-rae*, se resume todo o arazoado de Santo António em ordem ao bem e conservação do Reino».⁵³ Declarado o propósito, Vieira confia a argumentação persuasiva aos recursos imaginosos da retórica barroca. O primeiro fundamento reside no facto de sal querer dizer conservação. E Cristo, ao chamar aos apóstolos pescadores, «(ao depois chamou-lhes sal)». Sendo que, se os chamou de pescadores, «(foi recomendar-lhes a pescaria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservação)».⁵⁴ Na altura, como diria Fernando Pessoa, a grandeza do império, ainda a cumprir, logo o domina, passando para a boca de Cristo, em lance teatral, a força do incitamento patriótico: «Sois pescadores, Apóstolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do mundo; mas advirto-vos que sois também sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescadores, ser agora sal é o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitámo-nos da água envolta, lançámos as redes a tempo, e ainda que tomámos somente um peixe-rei, foi o mais famoso lanço, que se fez nunca; não digo nas ribeiras do Tejo, mas em quantas rodeiam as praias do Oceano. Pescou Portugal o seu reino, pescou Portugal a sua coroa, advirta agora Portugal, que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal».⁵⁵ Só que, não se tornando o sal efectivo, o remédio é vão e ineficaz, adverte o orador. O desafio está lançado: nas primeiras cortes («tratou-se de remediar o Reino; nestas trata-se de remediar os remédios»). Como? Verificando em que pecaram os remédios; no caso, os tributos que não resultaram por haverem sido violentos, quando deviam ser suaves para se tornarem eficazes. O recurso ao arsenal da cultura patrística é expediente de que Vieira se socorre para muscular o raciocínio. Atente-se: «Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilário, conserva, e mais tempera: é antídoto da corrupção, e lisonja do gosto: é o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores».⁵⁶ Verdade, pois, será não ter «bons efeitos o sal, quando aquilo que se salga fica sentido»; como os tributos nunca serão remédios eficazes, se não forem suaves. Ao notar a forma como Cristo falou aos discípulos, observou S. João Crisóstomo: «(Não lhes chamou sal de uma casa, ou de uma família, ou de uma cidade, ou de uma nação, senão sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguém)». Ou seja: «(o sal qualquer que for) não deverá ser «descabrido», antes o mesmo para tudo que vai conservar».⁵⁷ Por isso, Cristo não disse aos discípulos «(vós sois semelhantes ao sal)», mas «(vós sois sal)». Em seu raciocínio explicativo, continua o pregador: «(pelas conveniências do bem comum se hão-de transformar os homens)». Assim, ao constituir os apóstolos «(ministros da Redenção, e conservadores do mundo)», o

51 António Vieira, «Sermão de Santo António», in *Sermões*, III, Porto, Lello e Irmão – Editores, 1959, p.145-170. As citações dos sermões referidos são extraídas desta edição.

52 *Ibidem*, p.146-149.

53 *Ibidem*, p.149.

54 *Ibidem*, p.150.

55 *Ibidem*.

56 *Ibidem*, p.152.

57 *Ibidem*, p.154-155.

Mestre «(não os considera sal por semelhança, senão sal por realidade)». ⁵⁸ De facto desiguais, os três estados do reino pelas conveniências presentes devem deixar de o serem, igualando-os a necessidade, como os desigalou a fortuna. Neste ponto, oportuníssima lhe foi a ajuda da cultura clássica, a que recorre, ainda e sempre em conformidade com a metáfora do sal, esteio da doutrina que desenvolve. ⁵⁹ Lembra então que «Aristóteles e Plínio reconhecem na composição do sal o elemento da água e do fogo», a que «a glossa ordinária e S. Cromácio acrescentam o terceiro elemento do ar». Para o Santo comentador bíblico, a matéria ou natureza do sal é composta destes «três elementos transformados, os quais tendo sido fogo, ar e água, se uniram em uma diferente espécie, e se converteram em sal». Luminosa comparação! Ouça-se Vieira: «Assim como o sal é uma junta de três elementos, fogo, ar e água, assim a república é uma reunião de três estados, eclesiástico, nobreza e povo». Representa o fogo o estado eclesiástico por ser o «elemento mais alevantado de todos, mais chegado ao Céu, e apartado da Terra»; representa o ar o estado da nobreza, por haverem sido os fidalgos de Portugal o «instrumento felicíssimo» do ar livre que o Reino vive, conseguida a restauração da sua independência; representa a água o povo não «por ser elemento inquieto e indómito, que à variedade de qualquer vento se muda; mas por servir o mar de muitos e mui proveitosos usos à terra, conservando os comércios, enriquecendo as cidades, sendo o melhor vizinho que a natureza deu à que amou mais». ⁶⁰ Encomiástica referência à burguesia marítima, será talvez de assinalar.

Na última parte de seu eloquente sermão, de genial aproveitamento da metáfora evangélica do sal aplicada por Cristo para exaltar a missão dos Apóstolos, o pregador detém-se em vencer cada um dos três estados da nação a pagar os impostos que serão votados em cortes pela gravíssima necessidade da pátria, pondo de parte imunidades e privilégios, para se imanarem na mesma obrigação de acorrerem ao apelo do bem comum na hora que passa. Não fica, porém, aqui esgotada a fecunda riqueza da metáfora, pois o epílogo é um surpreendente achado alegórico do perfil de Santo António em louvor do qual esta pregação de circunstância teve lugar. Chegando ao termo do sermão, Vieira adianta a pergunta que podia bailar no espírito dos ouvintes: «E Santo António? Parece que nos esquecemos dele; mas nunca falámos de outra cousa. Tudo o que dissemos neste discurso foram louvores de Santo António, posto que desconhecidos, porirem com o nome mudado. Chamámo-lhes propriedade do sal, e eram virtudes do Santo». Passou, então, sucintamente a recapitulá-las: preservar da corrupção, não ser desabrido, ser o mesmo para todo o mundo, ser sujeito das transformações dos elementos. Assim acontecera: nenhum espírito apostólico trabalhou mais «por conservar incorrupta a fé católica; foi mais afável, benigno e familiar; cruzou a terra em repetidas viagens missionárias; nenhum se sujeitou a tantas metamorfoses de secular em eclesiástico, de clérigo em religioso, «desfazendo-se com penitências, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus». ⁶¹ Que semelhança mais ajustada às propriedades naturais do sal!

Volta o Pe. António Vieira a retomar a metáfora para tema de outra pregação em louvor de Santo António e de novo explora as virtualidades do sal que, na perícopes do evangelho de S. Mateus, vem associado à luz, aliás de não menor riqueza. Na verdade a seus apóstolos chama Cristo sal da terra e luz do mundo. O sermão proferido em S. Luís do Maranhão, a 15 de Junho de 1653, no domingo dentro da oitava da festividade do Corpo de Deus, ⁶² é um

⁵⁸ *Ibidem*, p.157.

⁵⁹ *Ibidem*, p.158.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*, p.169-170.

⁶² António Vieira, «Sermão de Santo António», in *op.cit.*, p.221-243.

prodígio de manipulação do trocadilho, expediente utilizado à saciedade pela retórica eclesiástica do barroco e campo fértil para as imaginosas agudezas de criativos engenhos como o do jesuíta que, ao abrir a primeira parte do discurso, recorda: «Em dia em que Deus assenta consigo à mesa os homens; em dia em que os homens renovam a memória suavíssima da Ceia de Cristo, muito a tempo vem o sal, e muito a tempo a luz; o sal para a mesa, a luz para a ceia».⁶³ Logo, é pelo pregador que a atenção dos ouvintes fica presa no enigma artificialmente lançado: mas se o sal é para o gosto e a luz para a vista, como pode isso acontecer, se no mistério da mesa do Santíssimo Sacramento há lugar para o sentido gostar, porque comemos o corpo de Cristo, sem o gostarmos, nem intervém o sentido de ver, «porque comemos o corpo de Cristo, e não o vemos».⁶⁴ Para complicar a resposta do piedoso exercício lúdico, aliás a convergir na subtilidade da demonstração que Santo António foi o sal da mesa e a luz da ceia eucarística, acrescenta: «E como não tem lugar naquela mesa, nem o sentido do gosto, nem o sentido da vista; pelo sentido do gosto fica excluída a luz».⁶⁵ No artifício do trocadilho, a solução não pode deixar de percorrer o arbitrário caminho para que o orador arrasta. A seguir envolve o auditório em labiríntica argumentação, tanto para deleitar como para persuadir, escopo teórico da finalidade do desenvolvimento do sermão. Discorre Vieira: «Tudo isto era assim antes de Santo António vir ao mundo; mas depois que Santo António melhorou e ilustrou o mundo com suas maravilhas, já na mesa do Sacramento tem lugar o sal, porque tem lugar o sentido do gosto; já na ceia do Sacramento tem lugar a luz, porque também tem lugar o sentido da vista. Antes de Santo António aparecer no mundo, era o Sacramento só mistério da Fé; mas depois que veio ao mundo Santo António, já o Sacramento é também mistério dos sentidos».⁶⁶

A identificação, alegoricamente sustentada, do prodigioso taumaturgo como santo eucarístico, com exemplos de sua vida procura o pregador demonstrá-la, a coberto das metáforas do sal e da luz. Na verdade, se as maravilhas da Eucaristia se podem ver «no sabor deste sal, e ao resplendor desta luz», merecido é dar «a Santo António o título de sal, e a luz desta mesa».⁶⁷ A sua vida, de facto, o prova, recorda Vieira, pois, «quando milagrosamente se punha em dois lugares [como aconteceu ao encontrar-se a pregar em Itália e, ao mesmo tempo, a defender o pai em Lisboa] em um tinha o uso dos sentidos, como Cristo no Céu; em outro estava dormindo, como Cristo no Sacramento», foram estes «os primeiros sabores que gostaram os sentidos daquele sal», com também «os primeiros resplendores, que receberam daquela luz».⁶⁸ Não pára aqui a exploração retórica das metáforas. A maravilha seguinte será considerar, para os que recebem este Sacramento, trazer ele vida a uns e morte a outros. Mas tais dissabores, argumenta o pregador, só existem naquela santa mesa, porque uns comem aquele pão sem o seu sal e se chegam «àquela mesa sem a sua luz, que é Santo António», bastando, no entanto, que se toque «esse pão naquele sal» e se o veja «àquela luz, para logo se conhecer «que Cristo no Sacramento sempre é pão de vida, e nunca de morte»».⁶⁹ Por último, aponta Vieira como a mais admirável de todas as maravilhas do Santíssimo Sacramento, o tamanho da hóstia sagrada, sendo «que dentro de uma quantidade tão pequena esteja toda a humanidade e divindade de Cristo e que estejam estas grandezas tão grandes tão encobertas, que de nenhum modo apareçam, nem se possam ver, nem sentir».⁷⁰ Ora, em Santo António

63 *Ibidem*, p.223.

64 *Ibidem*, p.224.

65 *Ibidem*, p.225.

66 *Ibidem*.

67 *Ibidem*, p.228.

68 *Ibidem*, p.231.

69 *Ibidem*, p.237.

70 *Ibidem*, p.240.

também havia grandezas divinas, que eram as suas virtudes, e humanas, que eram «as suas letras sua ciência admirável»; só que estavam tão encobertas e sumidas que nem S. Francisco as chegou a descobrir.⁷¹ Desta forma, o Santo Taumaturgo, luz e sal da mesa do Santíssimo Sacramento fica alumado e descoberto».⁷² E mais diria a propósito, afirma o orador, mas por aqui se ficou.

A 13 de Junho de 1654, pregou Vieira outro sermão de Santo António, tomando o mesmo tema escriturístico.⁷³ Serviu-se então de um estratagema para captar os ouvintes, pois fá-lo como se se dirigisse aos peixes. E com a metáfora do sal estrutura habilmente o exórdio, para justificar o teor de um discurso sobre a pregação, destinado a pregadores e ouvintes. Se aos primeiros Cristo lhes chama sal da terra é «porque quer que façam na terra, o que faz o sal», isto é, impedir a corrupção. Mas sendo a cidade do Maranhão corrupta e «havendo tantos nela que têm o ofício de sal», onde estará a razão disso? Logo enuncia a esquematização da resposta ao dilema formulado, recorrendo a um encadeamento de questões à maneira de um engenhoso entimema, assim expresso: «Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo, servem os seus apetites»⁷⁴. Prossegue ainda o P. António Vieira agarrado ao filão da metáfora: se o sal não salga ouça-se a justificação de Cristo, a verificar-se tal facto, isso será reconhecer haver «o sal perdido a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina, e ao exemplo; o que se lhe há-de fazer, é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos».⁷⁵ Se, pelo contrário, a terra se não deixa salgar, não apresentando o evangelho resolução, Santo António encontrou a melhor resposta que, aliás, «nenhum outrosantotomou».⁷⁶ Ao notar que na cidade italiana de Arimino não produzia a sua pregação efeito, como procedeu? Assim: «Mudou somente púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias, deixa a terra vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes».⁷⁷ O texto do evangelho, adverte o pregador, sendo muito bom para os outros Santos Doutores da Igreja, é, porém, muito curto para Santo António, pois este mais que sal da terra, também o foi do mar. Tema que Vieira diz tomar para o sermão. Mas, se vai pregar aos peixes, que lhes há-de pregar? O cenário é o mar e os ouvintes os peixes. Encenando, pois, um realismo fantástico tão caro ao orador, a sua imaginação genial solta alegorias, metáforas, antíteses e recursos simbólicos que se cruzarão num discurso de inteira seiva moral, e «sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira» e de suma importância para a terra do Maranhão, necessitada de «emenda, e reforma dos vícios que a corrompem».⁷⁸ Será legítimo, porém, aplicar aos peixes o versículo evangélico, *vos estis sal terra?* Mostra então Vieira, com toda a sua portentosa criatividade inventiva, que não é apenas legítimo como inteiramente ajustado. E explica: «Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal filho do mar como vós, tem duas propriedades, as

71 *Ibidem*, p.241.

72 *Ibidem*, p.242.

73 António Vieira, «Sermão de Santo António», in *op.cit.*, p.245-246.

74 *Ibidem*, p.245-246.

75 *Ibidem*, p.246.

76 *Ibidem*.

77 *Ibidem*, p.246-247.

78 *Ibidem*, p.247.

quais em vós mesmo se experimentam: conservar o são e preservá-lo, para que se não corrompa».⁷⁹ As mesmas propriedades tinham as pregações de Santo António e deveriam ter as de todos os pregadores: «louvar o bem para o conservar, e repreender o mal para preservar dele».⁸⁰ Ora isto pertence, acentua o orador, não só aos homens como também aos peixes. E por aqui se fica no emprego explícito da metáfora do sal, já que o semão se vai desbobinando entre os louvores e repreensões aos peixes, para se visar o ofício dos pregadores e os deveres dos cristãos. Por entre o encantatório de um bestiário luxuriante e de uma natureza cheia de profundezas, ambos da predilecção do espírito franciscano e em especial da oratória antoniana, perpassam nesta portentosa construção da parenética vieirense frémios constantes de indignação, lamentos e amargas recriminações, ironias e sarcasmos de quem havia de ser compelido a abandonar de forma humilhante a Baía, a que anos depois regressaria para aí morrer, e a voltar de novo à pátria, onde não o esperaria melhor sorte.

E aqui há que terminar, por agora, este breve percurso de mero intuito exemplificativo, através de alguns textos parenéticos do seiscentismo português de significativa valia literária, em que se pretendeu mostrar a riqueza surpreendente do sal em sua expressividade simbólica e metafórica, e como a sua diversificada manipulação alegórica era e podia ser aproveitada pelos pregadores para doutrinação e incremento da espiritualidade.

⁷⁹ *Ibidem*, p.248.

⁸⁰ *Ibidem*.